

Estilos Parentais e a Relação com Traços de Personalidade de Crianças em Idade Escolar

Fabiane Priscila Muller da Costa¹

Samantha Cristina Ritzel Cunha²

Ana Paula Cervi Colling³

Caroline de Oliveira Cardoso⁴

Resumo

As relações entre os cuidadores e as crianças têm se mostrado fundamentais para o desenvolvimento infantil. O objetivo deste estudo foi investigar a relação entre estilos parentais (EP) com os traços de personalidade das crianças. Participaram 50 mães e seus filhos de 10 a 12 anos, de três escolas públicas. O questionário sociodemográfico e o Inventário de Estilos Parentais (IEP) foram respondidos pelas mães e o IEP e o Questionário de Personalidade Junior-Eysenck pelas crianças. Foi realizado o teste de normalidade Kolmogorov-Smirnova e após os dados mostrarem seguir distribuição normal, utilizou-se a análise de correlação de Pearson através do Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) com um nível de significância $p \leq 0,05$. Houve divergência quanto à percepção das crianças em relação ao EP adotado pelas mães e da visão das mães sobre os estilos EP frente aos filhos. Associações significativas demonstraram a existência da relação entre os EP das mães e os traços de personalidade de seus filhos. A punição, disciplina relaxada, monitoria negativa, negligência e abuso se correlacionaram de forma positiva, com intensidade de fraca a moderada, principalmente com os traços de personalidade psicotísmo e neuroticismo.

Palavras-chave: estilos parentais, personalidade, práticas parentais, traços de personalidade

Parenting Styles and Relationship with Personality Traits of School Children

Abstract

Relationships between caregivers and children have been fundamental to child development. The aim of the study was to investigate the relationship between these parenting styles (EP) with the children's personality traits. Fifty mothers and their children aged 10 to 12 years, from three public schools participated. The sociodemographic questionnaire and the Parenting Styles Inventory (IEP) were

¹ Psicóloga formada pela Universidade Feevale. Realiza atendimentos na área da Terapia Cognitivo Comportamental.

² Psicóloga formada pela Universidade Feevale. Mestranda em Psicologia pela Universidade Feevale através da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

³ Psicóloga formada pela Universidade Feevale. Mestra em Psicologia com ênfase na cognição humana pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

⁴ Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora do curso de graduação de psicologia da Universidade Feevale.

answered by the mothers and the IEP and the Junior-Eysenck Personality Questionnaire by the children. The Kolmogorov-Smirnova normality test was performed and after the data showed to follow normal distribution, using a Pearson correlation analysis using the Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) with a significance level $p \leq 0.05$. There was disagreement regarding the children's perception of the EP adopted by the mothers and the mothers' view under their EP styles in relation to their children. Relevant associations demonstrated the existence of a relationship between the mothers' EPs and their children's personality traits. Punishment, relaxed discipline, negative monitoring, neglect and abuse were positively correlated, with weak to moderate intensity, mainly with personality traits, psychotism and neuroticism.

Keywords: parenting styles, parenting practices, personality traits, personality

Introdução

O primeiro grupo ao qual o ser humano pertence é a família, um sistema de organização com crenças, valores e práticas desenvolvidas para preservação da vida. A família representa o espaço de socialização do indivíduo, sendo assim, possui um papel fundamental para o desenvolvimento humano (Dessen & Braz, 2005). Os cuidadores, como formadores do núcleo familiar, são grandes influenciadores no processo do desenvolvimento social, cognitivo e psicológico de seus filhos, possuindo, portanto, uma grande responsabilidade (Lubi, 2002).

Dessa forma, a família desempenha um papel muito importante na vida da criança, pois representa seu primeiro contexto de socialização. As relações que se formam nela são fundamentais para o desenvolvimento infantil (Baumrind, 1991; Parke & Buriel, 2007). Diversos pesquisadores apontam a importância das relações precoces e das atitudes e comportamentos parentais, principalmente quanto aos padrões educativos dos pais (Baumrind, 1971; Baumrind, 1967; Darling & Steinberg, 1993; Parke & Buriel, 2007).

Neste sentido, alguns estudos vêm sendo desenvolvidos com intuito de avaliar os efeitos dos estilos de educação e cuidados dos pais no desenvolvimento de crianças e adolescentes (Alvarenga et al., 2016; Cecconello et al., 2003; Dessen & Polonia, 2007; Salvo et al., 2005; Maia & Soares, 2019). Percebe-se, ainda, que é significativo o número de trabalhos voltados a entender qual a melhor maneira de educar os filhos ou a consequência dos atos dos pais sobre as crianças (Cassoni, 2013; Weber et al., 2004).

Os primeiros estudos de estilos parentais (EP) foram desenvolvidos por Baumrind (1971), que integrou tanto os aspectos comportamentais quanto os afetivos envolvidos na criação dos filhos. Para ele, os pais possuem a tarefa de socialização da criança, além de manter nela o senso de integridade pessoal. O autor classificou os EP em: autoritário, autoritativo e permissivo. Outro modelo foi desenvolvido por Maccoby e Martin (1983), que sugeriram uma revisão do modelo de Baumrind (1971). Os autores estabeleceram os EP em função de duas variáveis: a exigência (controle e monitoramento do comportamento dos filhos) e a responsividade (afeto, envolvimento e aceitação dos filhos). Os EP que surgem como resultados dessa combinação são os mesmos propostos por Baumrind (1971), com

a diferença de que o estilo permissivo foi dividido em dois: o negligente e o indulgente. Em 2003, foi proposto por Gomide (2003) um novo modelo de EP dividido em sete estilos educativos: monitoria positiva e comportamento social se enquadram em práticas adequadas ao desenvolvimento saudável e abuso físico, disciplina relaxada, monitoria negativa, negligência e punição inconsistente são considerados práticas inadequadas (Gomide, 2004).

Muitos estudos relacionam os EP negativos dos pais com problemas de comportamento nos filhos, como por exemplo, presença de sintomas de ansiedade, depressão e comportamentos agressivos (Pacheco et al., 1999). Autores como Schneider e Ramires (2007) e Weber et al. (2004) mostraram que a deficiência de vínculo com os pais pode vir a desencadear diversos comportamentos na adolescência, tais como a depressão e a dependência de drogas. Além disso, há pesquisas que evidenciaram que crianças que são criadas por pais que apresentam EP negativos têm maiores chances de consumir tabaco e álcool na vida adulta (Cohen & Rice, 1997), apresentar baixa capacidade de autorregulação (Patock-Peckham et al., 2001), baixa habilidade de reação a conflitos (Miller et al., 2002) e baixa autoestima (Cohen & Rice, 1997). Contudo, estudos mais recentes não foram encontrados na literatura.

Apesar da literatura, ainda há questionamentos sobre como os EP podem estar relacionados às características de personalidade dos filhos. O vínculo com os cuidadores é geralmente considerado um fator estruturante da personalidade (Carvalho & Silva, 2014). Wainer et al. (2016), por exemplo, consideram que o EP adotado pelas mães pode impactar na construção da personalidade dos seus filhos. Gomide (2003) menciona que a forma ou intensidade com que o casal parental utiliza as estratégias educacionais refletirá tanto nos comportamentos pró-sociais quanto nos comportamentos antissociais dos filhos.

Considerando-se a Teoria dos Traço como uma das principais abordagens para o estudo da personalidade humana. Segundo Cloninger (2003), traço de personalidade é a característica que distingue uma pessoa de outra. Além disso, os traços abarcam um leque menor de comportamentos e permitem uma descrição mais precisa da personalidade, pois cada traço se refere a um conjunto mais focalizado de características. Uma das teorias que vem sendo muito utilizada para avaliação de traços de personalidade infantil é a teoria de Eysenck (1959). O autor define a personalidade como uma organização composta de todas as características cognitivas, afetivas, volitivas e físicas do indivíduo, sendo elas as responsáveis por diferenciarem nitidamente uma da outra. Seu modelo teórico inclui três dimensões estruturadas, de modo hierárquico: Psicoticismo (P), Extroversão (E) e Neuroticismo (N), ou seja, o modelo PEN (Eysenck, 1959).

Há algumas pesquisas mostrando que os pais que adotam EP de comportamento moral tendem a ter filhos com sentimento de empatia, ações honestas, justas e generosas, ausência de práticas antissociais e de uso de álcool ou drogas (Prust & Gomide, 2007). Ao encontro, Pomerantz e Wang (2009) verificaram relação entre pais mais afetuosa e sensíveis às necessidades da criança com desenvolvimento positivo da personalidade durante a adolescência. Os autores Pacheco e Hutz (2009) chamam a atenção para pais com EP de monitoria negativa, pois esse estilo pode acarretar efeitos para os adolescentes, tais como a tendência a unir-se a pares antissociais, o que, consequentemente, aumenta o risco de delinquência. Gomide et al. (2005) indicam que crianças expostas constantemente a práticas educativas de disciplina relaxada estariam em potencial situação de risco para o

desenvolvimento de comportamentos delinquentes. Além disso, para Gomide (2003) os filhos de pais que adotam predominantemente EP de abuso físico, tendem a serem mais apáticos, medrosos, desinteressados.

Dante desses estudos, pode-se perceber o impacto que os EP podem exercer sobre o comportamento e o desenvolvimento das crianças. Foram encontrados poucos estudos que avaliassem diretamente a relação dos EP com o desenvolvimento de traços de personalidade, devido a isso a relevância em pesquisar o tema. Com isso, o objetivo desse estudo foi identificar os traços de personalidade de crianças entre 10 e 12 anos de idade participantes deste estudo e verificar os EP de suas mães, com o intuito de investigar se existe relação entre os EP das mães e os traços de personalidade de seus filhos. A escolha pela faixa etária das crianças se deu considerando o *Questionário de Personalidade Junior-Eysenck (EPQ-J)* e suas diretrizes de avaliação. As mães foram selecionadas por se declararem como principais cuidadoras das crianças participantes da amostra.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 50 mães/cuidadoras e seus filhos, com faixa etária entre 10 a 12 anos. As crianças estavam cursando o 5º e o 6º ano do Ensino Fundamental e foram recrutadas de três escolas públicas do interior do Rio Grande do Sul. Como critérios de inclusão referentes à amostra infantil, as crianças deveriam apresentar: idade de 10 a 12 anos e estar cursando o 5º ou 6º ano do Ensino Fundamental. Como critério de exclusão, verificou-se a capacidade de auto relato; ausência de dificuldades sensoriais (dificuldades visuais ou auditivas não corrigidas); ausência de histórico atual ou prévio de doenças neurológicas, psiquiátricas ou genéticas (identificada através dos questionários respondidos pelos pais); e ausência de histórico de repetição escolar. Como critério de inclusão e exclusão das mães, elas deveriam apresentar ausência de histórico atual ou prévio de doenças neurológicas ou psiquiátricas (identificada através de questionários respondidos pela mãe). Essa amostra foi selecionada segundo critérios de conveniência e se caracterizou por uma amostra não-probabilística, definida a partir da possibilidade de participação mediante contato inicial.

Procedimentos e Instrumentos

Inicialmente, este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Após, foi entregue a cada participante deste estudo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) quanto à participação da mãe e de seu filho. Além disso, as crianças assinaram o Termo de Assentimento. Todos os participantes que aceitaram voluntariamente compor a amostra deste estudo assinaram o TCLE. Após a solicitação da assinatura dos participantes, iniciou-se a coleta de dados respeitando todos os procedimentos éticos para sua realização. Utilizou-se como instrumentos o Inventário de Estilos Parentais (IEP) (Gomide, 2006) e o Questionário de Personalidade Junior-Eysenck (Eysenck & Eysenck, 1975, 1998).

Inventário de Estilos Parentais – Este instrumento possui como objetivo investigar os EP adotados pelas mães frente aos filhos. O inventário é composto por 42 questões que abordam estilos educativos positivos e negativos, podendo ser respondido pelos pais e pelas crianças. O inventário deriva de um modelo teórico composto de sete estilos educativos, sendo dois considerados positivos (monitoria positiva e comportamento moral) e cinco considerados negativos (abuso físico, disciplina relaxada, monitoria negativa, negligência e punição inconsistente). Os dados são tabulados em uma folha de resposta que contém esses sete estilos educativos e cada resposta recebe uma pontuação (“nunca” recebe a pontuação 0; “às vezes”, pontuação 1; “sempre”, pontuação 2). Ao fim, cada estilo educativo pode ter a pontuação máxima de 12 e a mínima de 0, e o índice de estilo parental resulta da subtração da soma dos estilos negativos e da soma dos positivos, podendo ser classificado como estilo parental ótimo (80 a 99%), bom (55 a 75%), regular (30 a 50%) ou de risco (1 a 25%) (Gomide, 2003).

Questionário de Personalidade Junior-Eysenck (EPQ-J) – Este instrumento possui como objetivo avaliar as diferenças individuais de cada criança através das três dimensões de personalidade (Neuroticismo, Extroversão, Psicoticismo). O questionário é composto por 81 itens, com critério de resposta dicotômica (sim e não). A versão brasileira do EPQ-J (Mansur-Alves et al., 2010) apresenta índices de consistência interna (Cronbach Alpha) razoáveis e uma estrutura fatorial de quatro componentes: Extroversão ($\alpha = 0,64$), Neuroticismo ($\alpha = 0,78$), Psicoticismo ($\alpha = 0,71$) e Sinceridade ($\alpha = 0,79$).

Análise de Dados

Para a análise dos dados, o procedimento adotado considera o uso do pacote Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 22.0, com um nível de significância $p \leq 0,05$. Primeiramente foram realizadas as análises descritivas, e nessas análises, foram consideradas médias, desvios-padrão e porcentagens. Foi realizado o teste de normalidade Kolmogorov-Smirnova. Como os dados mostraram seguir distribuição normal, para analisar as possíveis correlações existentes entre o IEP e o EPQJ foi utilizado o coeficiente de Correlação de Pearson.

Resultados

No primeiro momento, serão apresentados os resultados descritivos obtidos no IEP e EPQ-J. Em seguida, será indicada a correlação dos mesmos. Na Tabela 1 é possível observar que há discrepância entre a classificação feita pelas mães e pelas crianças sobre os EP das mães. Na Tabela 2, são apresentados os resultados descritivos dos EP das mães e das crianças.

Tabela 1. Estilos parentais das mães na perspectiva das crianças e das mães

	Classificação	Frequência (crianças)	Frequência (mães)	Porcentagem (crianças)	Porcentagem (mães)
Válido	ÓTIMO	8	14	16,0	28,0
	BOM	11	20	22,0	40,0
	REGULAR	10	7	20,0	14,0

RISCO	20	8	40,0	16,0
				98,0
	49	49	98,0	
TOTAL				

Tabela 2. Resultado descritivo do IEP

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
Versão respondida pelos filhos				
Monitoramento Positivo	3,00	12,00	10,50	2,07
Comportamento moral	1,00	12,00	9,74	2,66
Punição	0,00	8,00	3,50	2,39
Negligência	0,00	7,00	2,30	2,10
Disciplina relaxada	0,00	8,0	3,32	2,25
Monitoramento negativo	1,00	12,00	7,34	2,38
Abuso	0,00	9,00	2,00	2,08
TOTAL	-17,00	18,00	2,14	8,35
Versão respondida pela mãe				
Monitoramento Positivo	3,00	12,00	10,58	1,91
Comportamento moral	7,00	12,00	10,70	1,50
Punição	0,00	9,00	2,58	2,08
Negligência	0,00	8,00	2,34	1,73
Disciplina relaxada	0,00	9,00	2,64	2,20
Monitoria negativa	1,00	12,00	6,58	2,49
Abuso	0,00	10,00	1,64	1,98
TOTAL	-15,00	20,00	5,83	7,66

Os resultados obtidos demonstram que tanto no IEP respondido pelas mães quanto pelas crianças os estilos com médias maiores foram os positivos (monitoria positiva e comportamento moral). No entanto, ao verificar-se a média total do IEP, observa-se que na versão respondida pelas mães o valor é mais alto se comparado à versão respondida pelos filhos. Percebe-se, diante dos resultados, que as mães se avaliaram como tendo um estilo melhor do que os encontrados na avaliação dos filhos no que diz respeito a elas. Entre os estilos negativos, na versão respondida pelos filhos, os que tiveram médias mais altas foram o estilo parental de monitoria negativa e negligência. Na versão das mães, os estilos negativos com médias mais altas foram de monitoria negativa e disciplina insuficiente. Na Tabela 3 pode-se observar o resultado descritivo dos traços de personalidade das crianças deste estudo.

Tabela 3. Resultado descritivo dos traços de personalidade

	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
Psicoticismo	0,00	9,00	1,92	2,24
Extroversão	6,00	12,00	9,38	1,75

Neuroticismo	1,00	18,00	8,42	3,94
--------------	------	-------	------	------

A partir da Tabela 3, verifica-se que o traço de personalidade avaliado pelo EPQ-J com média mais alta nas crianças deste estudo foi de extroversão. Percebe-se, ainda, que a menor parte apresenta traços de personalidade de psicoticismo. A Tabela 4 apresenta a correlação entre o EPQ-J e o IEP respondido pelas crianças em relação às suas mães.

Tabela 4. Resultados obtidos na correlação entre IEP e EPQ-J (crianças)

Nota: *correlação significativa com $p < 0,05$ / **correlação significativa com $p < 0,001$

	Psicoticismo	Extroversão	Neuroticismo
Monitoria positiva	-,223	,176	,111
Comportamento moral	-,164	,008	,263
Punição	,417**	,138	,375**
Negligência	,286*	-,037	,221
Disciplina relaxada	,416*	,257	,412**
Monitoria negativa	,131	-,163	,347*
Abuso	,367**	,039	,241
TOTAL	-,510**	,037	-,214

Através dos resultados obtidos pelos IEP e EPQ-J respondidos pelas crianças, verificou-se que o traço de personalidade psicoticismo correlacionou de forma significativa e positiva com os seguintes EP: negligência, disciplina relaxada e abuso. As correlações foram de grau fraco a moderado. Esses resultados indicam que quanto mais as mães utilizam os EP de negligência, disciplina relaxada, punição ou abuso, maior a possibilidade de os filhos apresentarem traços de personalidade de psicoticismo. O traço de personalidade extroversão não apresentou correlações significativas com nenhum dos EP avaliados. Já o traço de personalidade neuroticismo correlacionou-se, com grau moderado, significativo e positivo, com os seguintes EP: punição, disciplina relaxada e monitoria negativa. Com o maior uso pelas mães desses estilos, maior é a frequência das crianças que apresentam traços de personalidade de neuroticismo. O escore total dos estilos parentais se correlacionou de forma negativa, significativa, com grau moderado com o psicoticismo. Esse resultado sugere que quanto melhores os estilos parentais das mães, menos os filhos possuem o traço de personalidade psicoticismo. Na Tabela 5 apresenta-se a correlação entre o EPQ-J respondido pelas crianças e o IEP respondido pelas mães em relação aos seus estilos em relação aos filhos.

Tabela 5. Resultados obtidos na correlação entre IEP e EPQ-J (mães)

	Psicoticismo	Extroversão	Neuroticismo
Monitoria positiva	-,008	,103	,043
Comportamento moral	-,225	,021	,029
Punição	,158	-,167	,029
Negligência	,033	-,010	,253
Disciplina relaxada	,155	,157	,335*
Monitoria negativa	,241	,097	,304*

Abuso	,272	-,176	-,071
TOTAL	-,305**	,011	-,128

Nota: *correlação significativa ($p=0,05$) / **correlação significativa ($p=<0,001$)

Através dos resultados obtidos pelos IEP respondido pelas mães relacionados aos seus estilos adotados e pelo EPQ-J respondido pelas crianças verificou-se que o traço de personalidade neuroticismo correlacionou-se de forma significativa e positiva com os EP de disciplina relaxada e de monitoria negativa. As correlações foram de grau fraco. Esse resultado indica que quanto maior o uso dos EP citados acima, maior a possibilidade dos seus filhos apresentarem traços de personalidade de neuroticismo. Já o psicoticismo e a extroversão não se correlacionaram de forma significativa com nenhum dos EP. O escore total do IEP correlacionou-se de forma significativa negativa de fraca intensidade com psicoticismo, indicando que quanto melhor o estilo parental adotado pela mãe, menor a possibilidade de o filho ter traços de personalidade de psicoticismo.

Discussão

Considerando o objetivo deste estudo, observou-se que houve correlações entre os traços de personalidade e os EP, de intensidade fraca a moderada. Os resultados obtidos possibilitam diversas discussões acerca da relação mãe-filho, no que se refere à associação dos EP sobre os traços de personalidade das crianças. A seguir esses dados serão apresentados e discutidos detalhadamente.

No que diz respeito aos EP, verificou-se que a percepção das mães em relação a seus EP era diferente da percepção dos filhos, sendo que 40% das mães deste estudo consideram ter um estilo parental bom, enquanto que apenas 22% dos filhos as consideram como tal. Além disso, 28% das mães classificaram-se como tendo um estilo parental ótimo, 14% delas o indicaram como regular e 16% delas o classificaram como estilo de risco. Já pela perspectiva de seus filhos, 16% consideram o estilo parental de suas mães como ótimo, 40% o classificaram como de risco e 20% o indicaram como regular. Essa divergência chama a atenção principalmente no que se refere aos estilos de risco, que, pela percepção das crianças, teria o dobro do percentual. O estudo desenvolvido por Weber et al. (2004) também foi ao encontro dos achados neste estudo, visto que em seu estudo, a maioria das crianças também avaliou as práticas de seus pais como piores do que a visão que eles têm delas. Os pais foram classificados pelos filhos como sendo 45,4% negligentes, 32,8% autoritativos, 11,8% permissivos e 10,1% autoritários, porém, os pais se perceberam como mais responsivos e exigentes do que seus filhos os perceberam. De acordo com os autores, essa discrepância pode acontecer porque os pais podem sentir-se sugestionados a responder de maneira socialmente correta ou porque as crianças nem sempre veem seus pais como eles próprios se veem, havendo certa incompatibilidade, ou seja, os pais agem de um jeito, mas podem ser interpretados de forma diferente pela criança.

Quanto aos EP, verificou-se que as médias mais altas foram as práticas de monitoria positiva e comportamento moral, tanto na versão respondida pelos filhos como na versão das mães. Os EP positivos caracterizam-se como caminhos que levariam os pais a um relacionamento mais saudável e harmonioso com seus filhos (Gomide, 2011) e também possibilitam a promoção de comportamentos

pró-sociais. Para Gomide (2004), a monitoria positiva consiste em pais atenciosos e que conhecem seus filhos. Apoio e amor são a base dessa monitoria, que também é caracterizada pelas demonstrações de afeto e carinho que os pais expressam nos momentos de maior necessidade da criança. O comportamento moral, por sua vez, consiste no ensinamento de virtudes, por meio de explicações ou citação de exemplos claros sobre comportamento de risco (Gomide, 2011). Segundo o autor, a aquisição do comportamento moral ocorre através da modelagem, e esse comportamento necessita de uma relação permeada pelo afeto. Portanto, o envolvimento dos pais com o comportamento moral dos filhos molda juízos de valores e permite o desenvolvimento da consciência moral.

O estilo de monitoria negativa teve as médias mais altas em ambas as versões. Esse estilo é identificado pela inspeção e por ordens extremas que os pais impõem aos seus filhos (Gomide, 2011). A monitoria negativa também está ligada diretamente ao controle psicológico, que, de acordo com Pettit et al. (2007), se refere às tentativas de controle que inibem ou interferem no desenvolvimento de independência e autodirecionamento da criança pelo fato de manter a dependência emocional dos pais. Sendo assim, o uso extensivo do controle psicológico ou comportamental (indução de culpa, retirada de amor) impediria a emergência da autonomia psicológica, contribuindo ainda para sentimentos de angústia e inadequação (Pettit et al., 2007).

Para Ferreira e Marturano (2002), a exposição da criança a práticas parentais inadequadas pode contribuir para fatores de risco ao seu desenvolvimento. Com isso, há um aumento de sua fragilidade diante de eventos ameaçadores que estão fora do seu contexto familiar, possibilitando também que haja um aumento de ocorrência de problemas comportamentais futuros. Gomide et al. (2005) descreveram que certas famílias são consideradas de risco por vulnerabilizarem o desenvolvimento de seus filhos, pois adotam EP consideradas negativos, como a monitoria negativa. Nesses casos, os filhos podem apresentar níveis de estresse e depressão elevados e poucas habilidades sociais. Essas famílias de risco podem também apresentar altos níveis de exigência e controle (sem afeto), fazendo com que os filhos sejam indivíduos inseguros, preocupados com o próprio desempenho, com menores índices de autoestima e com maior presença de sintomas psiquiátricos (Teixeira et al., 2004).

Além disso, outro objetivo deste estudo foi verificar os traços de personalidade da amostra avaliada. Verificou-se que o traço de personalidade extroversão foi o que apresentou a média mais alta. Eysenck (1959) considera que seriam caracterizadas como extrovertidas aquelas pessoas que gostam de festas, de excitação e de estarem sempre acompanhadas. Ao mesmo tempo, normalmente são mais impulsivas, arriscam-se frequentemente e querem participar de tudo. Outra característica é que sempre possuem uma resposta “na ponta da língua”, adoram a mudança, são despreocupadas e otimistas e tendem a ser agressivas e se aborrecem rapidamente.

A menor parte das crianças apresentou pontuação em “psicoticismo”. O traço de personalidade psicoticismo caracteriza aqueles que apresentam certa despreocupação com relação aos outros, normalmente são solitários, podem ser cruéis, desumanos e insensíveis. Além disso, mostram-se hostis, inclusive com os mais íntimos e possuem certa inclinação por coisas raras e extravagantes. A socialização e os sentimentos de empatia, culpabilidade e sensibilidade para com os outros são noções estranhas e desconhecidas para eles (Eysenck, 1959). As crianças com altas pontuações em

psicoticismo, segundo Sisto (2004), se percebem como pessoas que vencem o medo com facilidade e enfrentam as situações, mas possuem também a tristeza em alta intensidade e alegria em baixa. Por outro lado, a tristeza reduz as suas atividades. Essas características reforçam o traço psicoticismo, que caracteriza a pessoa como dura, solitária, depreciadora do perigo, pouco socializada, hostil até com os mais íntimos, o que implicaria na dificuldade em formar vínculos (Sisto, 2004).

Diante das correlações encontradas nesta pesquisa, nos instrumentos respondidos pelas crianças, o traço de personalidade “psicoticismo” se correlacionou de forma significativa, de intensidade fraca a moderada, com EP negativos: punição, negligência, disciplina relaxada e abuso. Também se correlacionou de forma significativa negativa, de fraca intensidade, com escore total do IEP, indicando que quanto melhor o estilo parental adotado pelas mães, menos os filhos apresentam traços de personalidade de psicoticismo. Na versão respondida pelas mães observou-se também correlação entre o total do IEP e traço de personalidade de psicoticismo. Os maus-tratos para com a criança, a negligência, a disciplina relaxada, a falta de apoio dos pais e os vínculos familiares fracos são apontados, de acordo com Conte (2001), como os principais fatores determinantes dos comportamentos antissociais. Neste estudo, verificou-se que quanto mais as mães assumem uma postura de negligência, de abuso ou altamente permissiva em relação aos seus filhos, mais os filhos podem apresentar o traço de personalidade “psicoticismo”, ou seja, serem crianças mais frias, cruéis, desumanas, insensíveis, com falta de sentimentos humanitários e empatia.

Dessa forma, de acordo com os achados, o fato de os pais interagirem sem afeto, não estarem atentos às necessidades dos filhos, afastando-se de responsabilidades, omitindo-se diante de comportamentos opositores e agressivos dos filhos, pode estar relacionado ao fato de as crianças não desenvolverem habilidades básicas necessárias. Com isso, as crianças podem mostrar-se mais inseguras e ter dificuldade para estabelecer relações interpessoais (Löhr, 2001). Tendencialmente os filhos de pais negligentes são descritos como mais tristes, inseguros e frustrados, sendo mais vulneráveis a terem comportamentos de risco (Reichert & Wagner, 2007). Alegre e Benson (2010) referem ainda que os filhos de pais pouco comunicativos e que adotam condutas negligentes terão menor índice de inteligência emocional, consequentemente, menor capacidade de respostas internas ou externas, o que pode levar a comportamentos desadaptados.

O traço de personalidade de neuroticismo teve correlação significativa, de fraca a moderada intensidade, na versão respondida pelas mães, com os EP negativos de disciplina relaxada e monitoria negativa. Na versão respondida pelos filhos teve correlação significativa, de fraca a moderada intensidade, com a punição, a disciplina relaxada e a monitoria negativa. Com isso, pode-se verificar que quanto mais as mães assumem uma postura de fiscalização excessiva, instruções repetitivas, não cumprimento de regras estabelecidas, omitindo-se diante das ameaças dos filhos, mais os filhos podem apresentar o traço de personalidade de neuroticismo, ou seja, mostrarem-se mais ansiosos, preocupados, sensíveis ao ridículo, incapazes de lidar com a pressão. Bartholomeu (2005), a partir de uma análise de correlações, verificou que o alto neuroticismo está relacionado a uma maior dificuldade de comunicação devido a retraimento, timidez, insegurança, depressão e sentimentos de angústia.

O traço de personalidade de extroversão não se correlacionou de forma significativa com nenhum estilo parental, tanto na versão respondida pelas crianças quanto na respondida pelas mães. Hipotetiza-

se que a extroversão possa estar relacionada a outros fatores ambientais, bem como a fatores genéticos, como o temperamento. Estudo com grandes grupos amostrais de gêmeos criados juntos ou separados indicam a influência genética sobre a extroversão (Plomin & Daniels, 2011). Um estudo com gêmeos utilizando o modelo dos cinco fatores de traços de personalidade, verificou que a extroversão possui um componente hereditário mais forte, enquanto que a agradabilidade ou a acomodação sugere um componente ambiental mais forte (Schultz & Schultz, 2002).

Assim, diante deste estudo pôde-se verificar que há associações significativas principalmente entre os traços de personalidade de psicoticismo ou neuroticismo com os EP negativos das mães. Com isso, a forma como as mães estabelecem as regras e se relacionam com seus filhos parece ser um fator importante para a formação da personalidade deles. Esses achados vão ao encontro dos resultados de Lubi (2002), que ressalta que a forma como os pais educam seus filhos, enquanto formadores do núcleo familiar, exerce uma poderosa influência no desenvolvimento da criança. Contudo, vale ressaltar que não são apenas os EP que influenciam a formação dos traços de personalidade, pois há também outros fatores ambientais e fatores genéticos a serem considerados. Neste sentido, para se promover uma personalidade saudável e, consequentemente, comportamentos adequados, se faz necessário conhecer os fatores que influenciam o desenvolvimento dos traços de personalidade, entre eles identificar o estilo parental adotados pelas mães, a fim de auxilia-las através do conhecimento dos estilos mais adequados para a educação de seus filhos.

Considerações Finais

De forma mais específica, os traços de personalidade psicoticismo e neuroticismo investigados neste estudo se correlacionaram com os estilos de punição, disciplina relaxada, monitoria negativa, negligência e abuso. Ou seja, quanto mais as mães fazem uso desses estilos, mais seus filhos apresentam instabilidade emocional, preocupação, ansiedade, mudanças de humor, tendência a serem mais solitários e indiferentes às pessoas. Mais do que isso, o estudo também caracterizou os estilos parentais das mães e dos traços de personalidade das crianças participantes. Verificou-se que o traço de personalidade que apareceu com mais frequência foi o de extroversão e que os estilos parentais que apresentaram médias mais altas foram a monitoria positiva e o comportamento moral.

Quanto às limitações deste estudo, pode-se considerar o fato de que a amostra tenha sido direcionada apenas à figura materna e não a ambos os pais. São recomendáveis estudos futuros que se proponham a verificar se há correlações entre os estilos parentais dos pais, para que se tenha uma visão mais ampla acerca da influência exercida por cada um no desenvolvimento dos traços de personalidade de seus filhos. Outra limitação foi o uso de apenas escalas de autorrelato para medir as variáveis desejadas. Sugere-se que sejam acrescentadas, nos próximos estudos, outras medidas para avaliar os estilos parentais.

É importante salientar que os estilos parentais estudados neste trabalho são apenas uma das influências possíveis nos traços de personalidade, ou seja, é preciso levar em consideração outros fatores ambientais e também o temperamento das pessoas. Outros fatores, tais como o estilo parental do pai e a relação com outros familiares, escola, professor, também podem influenciar no

desenvolvimento dos traços de personalidade. Por fim, acredita-se que este estudo tenha contemplado seus objetivos e contribuído para o contexto clínico, auxiliando terapeutas na psicoeducação de pais, esclarecendo o quanto o estilo parental adotado pode vir a influenciar o desenvolvimento da personalidade de seus filhos. Também pode subsidiar terapeutas que realizam trabalhos com grupos de pais, através do compartilhamento do conhecimento com esse grupo no que diz respeito ao estilo parental mais adequado para a educação de seus filhos. Além disso, pode ser utilizado para intervenções preventivas, como no trabalho com mulheres que tenham o desejo de tornarem-se mães, através do conhecimento dos estilos parentais. Esta pesquisa poderá auxiliar também outros profissionais da área da saúde a terem um conhecimento mais amplo sobre estilos parentais, traços de personalidade e sua relação com a saúde mental das crianças. Em suma, ressalta-se a necessidade de enfatizar, na educação familiar, os estilos parentais positivos e a prevenção de estilos negativos que impliquem comprometimentos no desenvolvimento das crianças.

Referências

- Alegre, A., & Benson, M. J. (2010). Parental Behaviors and Adolescent Adjustment: Mediation via Adolescent Trait Emotional Intelligence. *Individual Differences Research*, 8(2).
- Alvarenga, P. A., Weber, L. N. D., & Bolsoni-Silva, A. T. (2016). Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: Uma perspectiva analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18(1), 4-21. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v18i1.827>
- Bartholomeu, D. (2005). *Traços de personalidade e características emocionais de crianças*. Votor Editora.
- Batson, C. D., Lishner, D. A., Carpenter, A., Dulin, L., Harjusola-Webb, S., Stocks, E. L. & Sampat, B. (2003). "... As you would have them do unto you": Does imagining yourself in the other's place stimulate moral action?. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29(9), 1190-1201. <https://doi.org/10.1177/0146167203254600>
- Baumrind, D. (1967). Child care practices antecedent three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75(1), 43–88. Retirado em <https://www.researchgate.net/journal/Genetic-Psychology-Monographs-0016-6677>
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental psychology*, 4(1pt2), 1. <https://doi.org/10.1037/h0030372>
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *The Journal of Early Adolescence*, 11(1), 56-95. <https://doi.org/10.1177/0272431691111004>
- Carneiro, R. S., & de Castro Oliveira, M. G. (2013). Um estudo da relação entre estilos parentais e habilidades sociais. *Revista Augustus*, 18(36), 57-68. Retirado em <https://revistas.unisuam.edu.brrevistas/index.php/revistaaugustus>
- Carvalho, M. S. D. P., & Silva, B. M. B. (2014). Estilos parentais: Um estudo de revisão bibliográfica. *Revista Psicologia em foco*, 6(8), 22-42.

- Cassoni, C. (2013). *Estilos parentais e práticas educativas parentais: Revisão sistemática e crítica da literatura* [Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de São Paulo.
- Cecconello, A. M., De Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, 8, 45-54. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000300007>
- Cloninger, C. R. (2003). Completing the psychobiological architecture of human personality development: Temperament, character and coherence. In U. M. Staudinger & U. Lindenberger (Eds.), *Understanding human development: Dialogues with lifespan psychology* (pp. 159–181). Kluwer Academic Publishers. https://doi.org/10.1007/978-1-4615-0357-6_8
- Cohen, D. A., & Rice, J. (1997). Parenting styles, adolescent substance use, and academic achievement. *Journal of Drug Education*, 27(2), 199-211. <https://doi.org/10.2190/QPQQ-6Q1G-UF7D-5UTJ>
- Conte, F. C. S. (2001). Promovendo a relação entre pais e filhos. In M. Delitti (Ed.). *Comportamento e cognição: A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo comportamental* (pp 161-168). Esetec Santo André.
- Costa, F. T. D., Teixeira, M. A., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e exigência: Duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), 465-473. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000300014>
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113(3), 487-507.
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2005). As relações maritais e sua influência nas relações parentais: Implicações para o desenvolvimento da criança. *A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras*, 132-151.
- Dessen, M. A., & Polonia, A. D. C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>
- Eysenck, H. J. (1959). Estudio científico de la personalidad. In *Estudio científico de la personalidad*, (pp 299-299).
- Eysenck, H.J., & Eysenck, S. B. G. (1975). Manual of the Eysenck Personality Questionnaire (Junior and Adult). Kent: Hodder & Stoughton.
- Eysenck, H.J., & Eysenck, S. B. G. (1998). *Cuestionario de personalidad*. 8^a ed. TEA Madrid.
- Ferreira, M. D. C. T., & Marturano, E. M. (2002). Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 35-44. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722002000100005>
- Gomide, P. I. C. (2003). Estilos parentais e comportamento antissocial. *Habilidades Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem*, 1, 21-60.
- Gomide, P.I.C. (2004). *Pais presentes, pais ausentes*. Editora Vozes.
- Gomide, P. I. C., Salvo, C. G. D., Pinheiro, D. P. N., & Sabbag, G. M. (2005). Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. *Psico-USF*, 10(2), 169-178. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712005000200008>

- Gomide, P. I. C. (2006). *Inventário de estilos parentais: Modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação*. Editora Vozes.
- Gomide, P. I. C. (2011). *Pais presentes, pais ausentes: Regras e limites*. Editora Vozes.
- Hennigen, I. (1994). *Dimensões psicossociais da adolescência: Identidade, relação familiar e relação com amigos* [Monografia de pós-graduação não-publicada]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Löhr, S. S. (2001). Desenvolvimento das habilidades sociais como forma de prevenção. Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade. *ESETec São Paulo*, 8, 190-194.
- Lubi, A. P. L. (2002). *Estilo parental e comportamento socialmente habilidoso da criança com pares* [Tese de doutorado não-publicada]. Universidade Federal do Paraná.
- Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E. M. Hetherington, P. H. Mussen (Eds.), *Handbook of child psychology: Socialization, personality, and social development* (pp. 1-101). New York Wiley.
- Maiai, F. D. A., & Soares, A. B. (2019). Diferenças nas práticas parentais de pais e mães e a percepção dos filhos adolescentes. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 10(1), 59-82. Retirado em <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/issue/view/1345>
- Mansur-Alves, M., Flores-Mendoza, C., & Abad, F. J. (2010). Avaliação multi-informe do traço de neuroticismo em escolares. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27, 315-327. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000300004>
- Miller, J. M., Dilorio, C., & Dudley, W. (2002). Parenting style and adolescent's reaction to conflict: Is there a relationship?. *Journal of adolescent health*, 31(6), 463-468. [https://doi.org/10.1016/S1054-139X\(02\)00452-4](https://doi.org/10.1016/S1054-139X(02)00452-4)
- Pacheco, J. T. B., & Hutz, C. S. (2009). Variáveis familiares preditoras do comportamento antissocial em adolescentes autores de atos infracionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 213-219. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000200009>
- Pacheco, J. T. B., Teixeira, M.A.P., & Gomes, W. B. (1999) Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(2), 117-126. <https://doi.org/10.1590/S0102-37721999000200004>
- Parke, R. D., & Buriel, R. (2007). Socialization in the family: Ethnic and ecological perspectives. *Handbook of child psychology, 3*, 95-138. <https://doi.org/10.1002/9780470147658.chpsy0308>
- Patock-Peckham, J. A., Cheong, J., Balhorn, M. E., & Nagoshi, C. T. (2001). A social learning perspective: A model of parenting styles, self-regulation, perceived drinking control, and alcohol use and problems. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research*, 25(9), 1284-1292. <https://doi.org/10.1111/j.1530-0277.2001.tb02349.x>
- Pettit, G. S., Keiley, M. K., Laird, R. D., Bates, J. E., & Dodge, K. A. (2007). Predicting the developmental course of mother-reported monitoring across childhood and adolescence from early proactive parenting, child temperament, and parents' worries. *Journal of Family Psychology*, 21(2), 206-217. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.21.2.206>

- Plomin, R., & Daniels, D. (2011). Why are children in the same family so different from one another?. *International journal of Epidemiology*, 40(3), 563-582. <https://doi.org/10.1093/ije/dyq148>
- Pomerantz, E. M., & Wang, Q. (2009). The role of parental control in children's development in Western and East Asian countries. *Current Directions in Psychological Science*, 18(5), 285-289. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8721.2009.01653.x>
- Prust, L. W., & Gomide, P. I. C. (2007). Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes. *Estudos de psicologia*, 24(1), 53-60. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000100006>
- Reichert, C. B., & Wagner, A. (2007). Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais. *Psico*, 38(3), 6. Retirado em <https://www.scimagojr.com/index.php/revistapsico/article/view/1496>
- Salvo, C. G. D., Silvares, E. F. D. M., & Toni, P. M. D. (2005). Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. *Estudos de Psicologia*, 22(2), 187-195. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2005000200008>
- Salvo, C. G. D. (2010). *Práticas educativas parentais e comportamentos de proteção e risco à saúde em adolescentes* [Tese de doutorado não-publicada]. Universidade de São Paulo.
- Sampaio, I. T. A., & Gomide, P. I. C. (2007). Inventário de estilos parentais (IEP) – Percurso de padronização e normatização. *Psicologia Argumento*, 25(48), 15-26. Retirado em <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/viewFile/19675/19007>
- Schneider, A. C. N., & Ramires, V. R. R. (2007). Vínculo parental e rede de apoio social: Relação com a sintomatologia depressiva na adolescência. *Aletheia*, (26), 95-108. Retirado em <https://www.redalyc.org/pdf/1150/115013567009>
- Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2002). *Teorias da personalidade*. Thomson. (Original publicado em 1994).
- Sisto, F. F. (2004). Traços de personalidade de crianças e emoções: evidência de validade. *Paidéia*, 14(29), 359-369. Retirado em <https://www.scielo.br/j/paideia/a/YBtsp3TTrBXMJv6hPyZLDdx/?format=pdf&lang=pt>
- Teixeira, M. A. P., Bardagi, M. P., & Gomes, W. B. (2004). Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 3(1), 1-12. Retirado em <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/399620>
- Wainer, R., Paim, K., Erdos, R., Erdos, R., & Andriola, R. (2016). *Terapia cognitiva focada em esquemas*. Artmed.
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: O ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 323-331. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300005>
- Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2009). *Terapia do esquema: Guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Artmed.

Endereço para correspondência

fabianepmuller@gmail.com
samantha@feevale.br
anapaula_cervi@hotmail.com
carolinecardoso@feevale.br

Enviado em 22/04/2020

1^a revisão em 15/07/2020

2^a revisão em 30/03/2021

3^a revisão em 18/01/22

Aceito em 08/03/2022